

POR UMA APRENDIZAGEM DAS EXPERIÊNCIAS NA INFÂNCIA: LITERATURA E (AUTO)FORMAÇÃO EM “O AJUDANTE DE MENTIROSO” DE LÊDO IVO

FOR A LEARNING OF EXPERIENCES IN CHILDHOOD: LITERATURE AND (SELF) EDUCATION IN “THE LIAR HELPER” BY LÊDO IVO

POR EL APRENDIZAJE DE LAS EXPERIENCIAS EN LA INFANCIA: LITERATURA Y (AUTO)FORMACIÓN EN “EL AYUDANTE DE MENTIROSO” DE LÊDO IVO

André Augusto Diniz Lira¹
andreaugustoufcg@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, enfocamos as experiências da infância como um período crucial no processo do “tornar-se” poeta, escritor e crítico literário de Lêdo Ivo, tendo por base a obra *O Ajudante de Mentiroso*. Consideramos a estrutura da obra e as representações discursivas da infância. Para tanto, discutimos a sua compreensão de “verdade” e “mentira”, no quadro da ficcionalidade, o lugar da visibilidade e das experiências de leitura do mundo, de leitura da palavra e da relação com os outros.

PALAVRAS-CHAVE: LÊDO IVO; EXPERIÊNCIA EDUCATIVA; (AUTO) BIOGRAFIA; EDUCAÇÃO; LITERATURA BRASILEIRA.

ABSTRACT

In this article, we focus on childhood experiences as a crucial period in the process of “becoming” a poet, a writer and a literary critic of Lêdo Ivo, based on the work *The Liar Helper*. We consider the structure of the work and the discursive representations of childhood. Therefore, we discuss the understanding of “truth” and “lies”, in the framework of fictionality, the place of visibility and experiences of reading the world, reading the word and the relationship with others.

KEY WORDS: LÊDO IVO; EDUCATIONAL EXPERIENCE. (AUTO)BIOGRAPHY; EDUCATION; BRAZILIAN LITERATURE.

¹ Universidade Federal de Campina Grande

RESUMEN

En este artículo, enfocamos las experiencias de la infancia como un período crucial en el proceso del "convertirse en" poeta, escritor y crítico literario de Léo Ivo, teniendo como base la obra *El Ayudante de Mentiroso*. Consideramos la estructura de la obra y las representaciones discursivas de la infancia. Para eso, discutimos su comprensión de "verdad" y "mentira", en el marco de la ficcionalidad, el lugar de la visibilidad y de las experiencias de lectura del mundo, de lectura de la palabra y de la relación con los demás.

PALABRAS-CLAVE: LÉDO IVO; EXPERIENCIA EDUCATIVA; (AUTO) BIOGRAFÍA; EDUCACIÓN; LITERATURA BRASILEÑA.

INTRODUÇÃO

Decerto desde criança me preparei silenciosamente para ser eu mesmo, para me tornar mim mesmo. Era uma operação subterrânea. Eu queria exprimir-me, comunicar-me. Eu queria ser. [...] Aprendi que essa operação, destinada a converter as experiências vividas em arte, reclamava um determinado uso da linguagem, exigia uma competência que só poderia ser obtida se a minha vida fosse uma interminável aprendizagem (IVO, Ajudante de Mentiroso)

O campo de estudos da pesquisa (auto)biográfica² demarca-se pelo esforço de investigar as narrativas, em várias dimensões e suportes, de modo a extrair, na seiva da temporalidade, o devir e as implicações para a formação humana. Busca conjugar o passado, o presente e o futuro com vistas ao desenvolvimento profissional. Na trilha desses estudos, Marie-Christine (2004) advoga o resgate do aprendizado a partir do ponto de vista do aprendente, considerando, então, as suas experiências formativas. Nos estudos (auto)biográficos, a experiência ganha, portanto, uma maior visibilidade e importância.

A temática da experiência tem sido trabalhada de longa data na tradição pedagógica, desde o início do século passado com John Dewey ([1938], 2011), que asseverou a necessidade de se criar uma teoria da experiência educativa. Autores mais afeitos à discussão da profissionalização da docência têm colocado os saberes da experiência junto a outros saberes. Gauthier (1998) os inclui entre o saber disciplinar, o saber curricular, o saber da tradição pedagógica, o saber das ciências da educação, o saber da ação pedagógica. Uma revisão ampla foi apresentada por Villas Bôas (2007) articulando esse conceito historicamente e o discutindo, na contemporaneidade, a partir das representações sociais do professorado.

² Sobre a pesquisa (auto)biográfica e o "auto" enclausurado como (auto)biográfico, remetemos o leitor para o trabalho de Passeggi (2016).

Larrosa (2004, 2016, 2017) retomou a discussão da experiência sob a perspectiva da história, da literatura e da filosofia da educação em várias obras. Outros autores na área da pesquisa (auto)biográfica têm revisitado a emergência do romance de formação, na Modernidade, a fim de fortalecer as pesquisas quanto ao laço social que une o indivíduo a modos amplos de construção do olhar para o si mesmo com suas permanências e subversões na contemporaneidade (DELORY-MONBERGER, 2008). Em nosso meio, a relação entre a literatura brasileira e a área de estudos da pesquisa (auto)biográfica ainda não se consolidou plenamente, a considerar os poucos trabalhos publicados.

No intuito de fortalecer os estudos da relação literatura, educação e (auto)biografia, temos pesquisado a obra do poeta/escritor Lêdo Ivo. Apesar do seu reconhecimento no campo literário, os tesouros desse autor alagoano continuam velados para o grande público leitor e até para profissionais da área de Letras. Dotado de uma vasta, diversificada e inovadora obra, foi consagrado por inúmeros prêmios e ocupou a cadeira de Rui Barbosa na seleta Academia Brasileira de Letras. Da literatura infantil às mais altas envergaduras de uma poesia e prosa metalinguísticas, tendo a linguagem como uma constituidora do ser, Lêdo Ivo é múltiplo e esbanjador. Reconhecido por sua veia memorialista, afirmou que "Uma obra viva será aquela que transforma em autobiografia e confissão até as pedras da rua" (IVO, 2004a, p. 319). A crítica literária é, no seu fazer, perpassada integralmente por sua história de vida e por sua história de leitor-autor.

Nessa perspectiva, publicamos recentemente (LIRA, PASSEGGI, 2018) um trabalho sobre o jogo identitário da constituição do poeta/escritor Lêdo Ivo, tendo por base a sua infância, nos livros reconhecidos pela crítica como autobiográficos [Confissões de um Poeta, doravante CP (IVO, 2004a); Um Aluno Relapso. Afastem-se das Hélices, doravante AR/AH (IVO, 2013)]. Esse trabalho procurou lançar as bases para análises posteriores, tal como a que aqui desenvolvemos.

Neste artigo, lançamos mão da obra O Ajudante de Mentiroso (IVO, 2009) desse mesmo autor. Novamente, enfocamos a infância como um período crucial no processo do "tornar-se" poeta e escritor, em especial, no processo de forjar uma vocação [com sua força disposicional] e no despertar do processo de aprendizagem para a escrita ao longo da vida. O diferencial do enfoque reside na natureza da obra em tela, uma vez que esse livro é composto por vários ensaios literários, perpassados por sua própria história e pelo lugar de leitor-autor.

DA PESQUISA À ESTRUTURA DA OBRA "O AJUDANTE DE MENTIROSO"

Do ponto de vista metodológico, servimo-nos, em parte, da Análise Textual dos Discursos na perspectiva de Adam (2008), tendo em vista a estrutura da obra e as representações discursivas³ da infância tecidas por Lêdo Ivo sobre a sua constituição. De antemão, convém assinalar que nos afastamos de análises puramente linguísticas. As representações discursivas e o plano da obra aqui são a base para podermos pinçar a construção das experiências de aprendente, do ponto de vista do autor, a partir de suas narrativas autobiográficas.

Procuramos as ocorrências dos termos relacionados à infância (menino, infância, criança), considerando os (co)textos anteriores e posteriores e o texto em sua integralidade (no caso, o ensaio) nos quais estão inseridos. Consideramos também, no plano textual, a sequenciação dos ensaios e o lugar que ocupam aqueles de maior dominância autobiográfica⁴. Outras obras do autor que pudessem contribuir nos serviram para um melhor entendimento dessas ocorrências. Configuram, portanto, um arcabouço maior para o cotejamento interpretativo.

Ivo participa de um amplo movimento, com seus desdobramentos na literatura brasileira, que ficou conhecido como o estilhaçamento dos gêneros literários ao se questionar o mito da obra única (STALLONI, 2007) na trilha de autores da envergadura de Victor Hugo, Mallarmé, Baudelaire. Daí que alguns dos textos de Lêdo Ivo ficam no entreposto entre a crítica literária, o ensaio poético, o conto autobiográfico, as memórias biográficas. Mesmo que localizemos um determinado gênero dominante nos seus textos, é sempre importante considerar esse hibridismo.

O livro compõe-se de 44 de capítulos, em sua maioria ensaios literários a respeito da obra de autores reconhecidos e também desconhecidos no campo literário, perpassando também a escrita autobiográfica. Há apenas quatro ensaios onde predomina integralmente a escrita e o sujeito autobiográficos (PASSEGGI, 2016), sendo a infância um período de destaque na escrita destes:

3 "Todo texto constrói, com maior ou menor explicitação, uma representação discursiva do seu enunciador, do seu ouvinte ou leitor e dos temas ou assuntos tratados" (RODRIGUES, PASSEGGI, SILVA NETO, 2010, p. 173). Aqui tratamos de representações discursivas identitárias, uma vez que essas constroem a identidade do poeta Lêdo Ivo em sua infância. Para uma melhor compreensão do conceito de representações discursivas consultar Adam (2008)

4 A compreensão unitária de gêneros textuais tem sido questionada a favor de uma compreensão dinâmica. Adam e Heidemann (2011), ao discutir o texto literário, sublinharam a limitação da noção de gênero de discurso tomado isoladamente, devendo-se contemplar para a obra literária a noção de genericidade uma vez que um único texto pode participar de um ou vários gêneros, sendo essas categorias dinâmicas em formação, que nos servem inclusive para fins específicos de análise.

- a) Guardar o que está perdido. Primeiro Capítulo. Sem pretensão explícita de uma introdução deslinda uma série de elementos esparsos que serão retomados posteriormente: a criação literária, destacando-se o lugar da "verdade" e da "mentira" na sua formação e em vários campos do saber; a crítica aos críticos literários; o lugar da infância na constituição da sua vocação de poeta e escritor, a dimensão experiencial-ecológica e da leitura como fundantes nesse trajeto; a compreensão da aprendizagem, ao longo da vida, como uma necessidade vinculada ao fazer.
- b) Entre Luz e Sombra. Décimo Capítulo. Estabelece uma importante relação com o conjunto de capítulos anteriores e posteriores no sentido de tecer uma grelha interpretativa de aspectos oponentes, de luminosidade e de escuridão, na vida e na obra dos autores comentados.
- c) O Poeta e suas Ilhas. Vigésimo Sétimo Capítulo. Referente à Aula Magna proferida na Universidade Federal de Santa Catarina.
- d) Batinas no Mormaço. Trigésimo Quinto Capítulo. Discurso de recepção na Academia Alagoana de Letras.
- e) A Noite de um estudante. Trigésimo Sexto Capítulo. Discurso de recebimento do título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal de Alagoas.

Entre os capítulos nos chamam a atenção os dois ensaios sobre Rui Barbosa (O Escritor Rui Barbosa e O Presidente Rui Barbosa), tendo em vista o laço identificatório que o une a Lêdo Ivo. O capítulo final, Os Jardins Enfurecidos é um ensaio sobre João Cabral de Melo Neto, no período de uma interação profícua e ao mesmo tempo diferenciadora, em que ambos se envolveram em aprendizagens múltiplas do fazer poético na juventude em Recife. O capítulo derradeiro, de certo modo, é um desaguadouro da infância à juventude. Salientamos, no entanto, que os tempos de vida se entrecruzam no livro como um todo, parecendo não se deixarem disciplinar pelo tempo linear.

Podemos ler o livro sem a necessidade de seguir a sequencialidade, como a maioria dos livros do autor nesse gênero e inclusive nos livros tidos como autobiográficos, excetuando-se os romances e livros infanto-juvenis. Contudo, de um modo não explicitado há uma organização que permeia o livro como um todo, ainda que seja difícil apreender de uma primeira leitura.

Segundo Adam (2008), a estrutura de um texto pode ser do tipo sequencial⁵ e não sequencial. As estruturas não sequenciais podem ser do tipo reticular e

⁵ Adam (2008) explicita quatro grandes tipos de estruturas sequenciais: as narrativas, explicativas, descritivas e dialogais.

configuracional. Para Adam (2008), os textos combinam linearidade e não linearidade: “a percepção de um todo que faz a unidade do texto (dimensão configuracional) e a percepção de redes complexas de sentido (dimensão reticular).”

Em nossa hipótese, no caso considerado, uma estrutura reticular se evidencia, por meio de representações discursivas de um si mesmo constitutivo, que se deslinda a partir da infância, sob múltiplas experiências, tecendo-se em uma identidade narrativa (RICOEUR, 2010). O menino faz nascer o poeta, o escritor e o crítico. A estruturação configuracional do texto, por sua vez, é mais difícil de ser aprendida, pois, segundo Adam (2008) decorre de complexas relações em um todo instituído, que recorre da sequência (como procedimento sucessivo de partes integrantes sequenciadas) à figura (como configuração de relações). Em nossa hipótese, também há uma linha discursiva subjacente à obra analisada. São colocadas sob a forma de luzes e sombras, dispostas ao longo da obra, compostas de visibilidades compósitas e contrastantes de experienciar.

FOCANDO AS LUZES E SOMBRAS CONSTITUTIVAS

Desde a infância, eu desejava exprimir a divisão do mundo em luz e treva, em razão e desrazão, em partida e evasão; eu desejava proclamar a ligação obscura entre as chaves de fenda, as porcas e os parafusos e as constelações do céu sempre turvo de minha cidade natal. (Lêdo Ivo, O Ajudante de Mentiroso)

Ao considerar a discussão sobre a estrutura da obra, pontuamos a importância do ensaio “Entre a luz e a sombra” na configuração do AM. De fato esse é crucial não apenas na estruturação do livro, mas na construção do pensamento e da cosmovisão do próprio Lêdo Ivo, como se percebe na epígrafe acima. Isso porque retoma mais amplamente uma experiência da sua infância para nela encontrar tanto uma chave interpretativa para a leitura dos vários autores que o circundam quanto uma chave criadora para o si mesmo.

Eu estava entre a luz e a sombra. Menino, costumava acompanhar meu pai em suas peregrinações pelos cartórios e outros lugares da faina forense ou cotidiana. (IVO, 2009, p. 88)

Antes de se abater sobre os telhados dos navios ancorados, as estacas negras dos trapiches, os telhados das casas e as pedras das ruas, a noite começava nos armazéns. Fora, imperava a luz do dia como uma corola ainda aberta; e, dentro, entre as chaves de fenda, cadeados portas e alicates, a escuridão avançava. (IVO, 2009, p. 89)

Importantes diretrizes são desenhadas, nesse mundo de luz e sombra, para a sua formação de crítico literário. A leitura, a apresentação e o veredito de apreciação

dos autores são figurados nessa hermenêutica. Na linha da luminosidade, destacam-se vários exemplos. No ensaio sobre Clarice Lispector, observamos que ressalta a sua "Claricidade", sua "claridade", sua "luminosidade solar", seu "idioma solar, alagoanamente solar". Tratando de Castro Alves caracteriza-o por sua "matinalidade". No fim do ensaio, pontua: "Nesse umbral de um novo milênio, Castro Alves nos ensina que a nossa criação poética é **um longo amanhecer**" (grifos nossos, IVO, 2009, p. 169). Guedes de Miranda, um conterrâneo seu, era: "[...] uma figura de Claridade, harmoniosa e altaneira" (p. IVO, 2009, 272).

Por um outro lado, na linha interpretativa das sombras figura, por exemplo, Breno Accioly, que recorrentemente trata de seres: "mergulhados na noite mesmo quando havia sol e excesso de claridade" (IVO, 2009, p. 182). Apesar das sombras serem menos enfocadas, vale salientar que são justamente a junção, a união, a co-presença dos contrários que, em sua ótica, o fizeram desejar projetar-se, desde a infância, em um fazer diferenciado, melhor explicitado na sua própria narrativa, como se lê na epígrafe e na citação: "E aquela noite prematura, entre objetos heteróclitos, envolvia-me e estabelecia comigo **um pacto**, como se desde a infância e estivesse condenado à sua respiração" (grifo nosso, IVO, 2009, p. 89)

A linguagem do pacto se tece em um quadro de uma identidade projetiva, que visa a uma atestação. Na leitura de Dosse (2017), a obra "O si-mesmo como um outro" de Ricoeur tem a atestação como o fundamento principal, de tal modo que: "O ser-si-mesmo define-se assim, ao termo do percurso, como um engajamento ontológico da atestação, sempre em uma posição de terra prometida, de horizonte de expectativa." A identidade, portanto, lança luzes não apenas para o passado, mas para o presente e o futuro, no engajamento do si-mesmo. Segundo Taylor (2013), temos aqui uma identidade prospectiva: o si mesmo engaja-se como um projeto para confirmar o projetado. Isso se evidenciará de modo mais claro quando tratarmos das experiências de identificação com os outros.

Por fim, na configuração da obra lediviana, como um todo, visibilizar luzes e sombras aponta para um estilo autoral e para um modus operandi de crítica literária, uma lente interpretativa. O romance Ninho de Cobras, que projetou o autor, e o romance A Morte do Brasil (IVO, 1984) refletem esse jogo de luzes e sombras tanto por meio das personagens claras e obscuras quanto pela própria geografia das cidades em sua relação com o cosmos.

SOBRE O MENINO MENTIROSO, A MENTIRA E OS OUTROS MENTIROÇOS

Fora a jocosidade evocada por um título tão sugestivo, "O Ajudante de Mentiroso", fica a interrogação: o que isso pode significar? A resposta, em parte, encontra-se, no primeiro ensaio: "Guardar o que está perdido". Entretanto, partamos antes da compreensão de mentira na obra do autor. Nos livros CP e AR/AH, os termos mentira e verdade se situam, em um âmbito lúdico, entre a ficcionalidade e a realidade. A mentira tem uma relação com a infância, com uma meninice levada, que mente, que engana intencionalmente, mas pautada sempre em uma ambiência lúdica, como uma brincadeira. Em AR/AH, há uma narrativa intitulada "O Mentiroso" que surge, na mesa de trabalho de Lêdo Ivo, um menino que:

[...] vivia contando histórias inverossímeis e até intoleráveis, revirando pelo avesso a realidade cotidiana que o cercava, iludindo e envolvendo até as pessoas mais velhas com a sua versão desrespeitosa da realidade. 'Como esse menino é mentiroso! Mente pelos cotovelos (IVO, 2013, p. 49).

No livro em análise (AM), em seu primeiro ensaio, Guardar o que está perdido, os ajudantes de mentirosos se inserem na trama narrativa da infância alagoana do autor. Os contadores de histórias das feiras de sua terra podiam até "juntar as pontas da verdade e mentira" (p. 10). Porém, quando a ficção falhava ou tropeçava, o "ajudante de mentiroso" entrava em cena para reavivar as mentes imaginativas do mentiroso contador de histórias e a atenção dos circundantes. No texto analisado, explicita-se diretamente que esse "ajudante de mentiroso" é o próprio Lêdo Ivo que, em sua perspectiva, ajudaria os críticos literários sobre o que inventam dele mesmo.

Porém, tanto ao considerar o texto em tela quanto o livro em sua integralidade, apresenta-se um escopo bem maior do que essa explicitação direta. A mentira não é peculiar ao ajudante de mentiroso nem aos seus críticos. Para Lêdo Ivo, os autores mentem, os críticos literários mentem, a filosofia mente [pois não é a busca da verdade, mas da "mentira impenetrável"], as ciências mentem [são "ficções científicas"] e a teologia mente [pois é "gerada pelos homens. Não é a teologia de Deus"] (IVO, 2009, p. 11).

O poeta apresenta por meio de ensaios a vida/obra de outros autores (maiores e menores). Tal como Lêdo Ivo e seus críticos, esses são também mentirosos, afinal como afirma em outro lugar: "Todo poeta é um fingidor". Seus ensaios críticos, portanto, são uma ajuda a outros mentirosos (autores). O título "Guardar o que está perdido" possui, por sua vez, um lugar de (re)consideração, de (re)construção, de (re) criação, porque remete às filigranas de sua vasta memória e à leitura da vida/obra dos autores tratados. No final, a nossa própria vida é uma construção imaginária,

uma ficção, uma versão. Assim, conclui-se: "A criação literária é ao mesmo tempo confissão e escondimento. Todos falamos a verdade e todos mentimos. A nossa própria existência, soma inumerável de versões intestinas e alheias, é uma ficção" (IVO, 2009, p. 9).

A obra de Lêdo Ivo é acentuadamente autobiográfica, até mesmo seus ensaios literários a respeito das obras de outros autores caracterizam-se pelo crivo pessoal com forte presença de suas memórias. Contudo, a caracterização de um escritor tão singular é complexa, pois os textos supracitados caracterizados pela crítica como sendo autobiográficos não correspondem aos modelos mais reconhecidos, aliás o autor caminha entre a "verdade" e a "mentira", a realidade e a ficcionalidade, a fabulação, a criatividade. Uma atividade lúdica na qual a criação literária é imaginativa.

Lêdo Ivo questiona e brinca com o sujeito do pacto autobiográfico que estabelece com o leitor a respeito de narrativa de sua vida (LEJEUNE, 2014), uma vez que se ancora por várias versões possíveis do eu: "sou minha mentira, que é verdade, e a minha verdade, que é mentira" (p. 11). Ao mesmo tempo, o autor sobeja várias narrativas pessoais sobre sua trajetória.

AVISIBILIDADE, AS EXPERIÊNCIAS-MUNDO E AS EXPERIÊNCIAS DE LEITURA

Um bule. Uma maçã. Um vaso de flores. Os olhos de um cão. O exercício espiritual da visão é indispensável aos poetas que só aprendem a ver desde que saibam fixar-se nas coisas mais banais e cotidianas.

Saber ver é um dever poético. E a vida exige muito olho para ser vista (Lêdo Ivo, Confissões de um Poeta)

Na perspectiva da Psicologia e dos estudos (auto)biográficos atuais, a formação humana tem sido compreendida ao longo do ciclo da vida (POZO, 2002; DELORY-MONBERGER, 2008). Para Lêdo Ivo, a perspectiva é que a sua formação poética se forjou em inúmeras experiências de infância, onde nem mesmo havia se presentificado a palavra poética escrita, como se retrata no AM. Há também as aprendizagens contínuas da técnica/arte da palavra que são sinalizadas mais no livro AR/AH.

Essa preparação silenciosa da infância decorreu de um fazer e de um "fazer-se", na construção do seu próprio devir, tornou-se fonte motivacional e de aprendizagens. Da infância, como se lê abaixo, uma preparação para aprendizagens contínuas se instala para toda a vida.

Decerto desde criança me preparei silenciosamente para ser eu mesmo, para me tornar mim mesmo. Era uma operação subterrânea. Eu queria exprimir-me, comunicar-me. Eu queria ser. Ao mistério da vocação, da inclinação nítida, colocava-se o desafio de fazer. E toda a minha vida tem consistido na busca desse fazer. Ou melhor, de um saber fazer revelador e realizador. Aprendi que essa operação, destinada a converter as experiências vividas em arte, reclamava um determinado uso da linguagem, exigia uma competência que só poderia ser obtida se a minha vida fosse uma interminável aprendizagem. (IVO, 2009, p. 15)

A visibilidade é um dos principais fundamentos das experiências e da escrita de Lêdo Ivo. Trata-se de uma obra visual, que enxerga e que pretende fazer enxergar. Em outros livros, como AR/AH e CP, isso se torna bem mais evidente e explícito. Essa visibilidade para os poetas é uma competência diferencial. No ensaio Castro Alves, hoje e sempre, Lêdo Ivo pontua que esse escritor é um poeta de "olhos gulosos", que "vê e escuta" (AM, p. 166). Essa visibilidade ampliada para a escuta, torna-se, por sua vez uma experiência do ser e da temporalidade. Castro Alves: "[...] atinge o mais alto momento de si mesmo, aquele em que os minutos que passam e a breve existência inteira se unem e se completam, numa aliança final" (p. 163). A visibilidade, portanto, relaciona-se com a experiência autoral do ser mediado pela linguagem. No livro Teoria e Celebração, Lêdo Ivo atribui a Manuel Bandeira o primeiro lugar na capacidade de enxergar, ensinar a ver e ser poeta.

Essa visibilidade vem acompanhada de determinada leveza de ver a vida todo dia com outros olhos e de extrair da cotidianidade significados latentes. Retirar o novo do cotidiano lhe parece uma missão e isso foi gestado na infância por várias experiências com os outros.

E como um de nós estranhasse que o mestre não estivesse lendo um clássico, e sim contemplando a manhã radiosa com seus amorosos e arregalados olhos de poeta que só tardiamente poderia publicar um livro - esse Antes que desça a noite, no qual deve ter recolhido experimental sentimental de sua vida inteira -, ele nos desarmou com uma ponderação respeitável: 'Para que ler, se a Natureza é um livro aberto?' (IVO, 2009, p. 272).

Lêdo Ivo "poeta geograficamente situado" evadiu-se, mas continuou em Maceió, retratando do harmonioso ao assolador, da paisagem bela e perfeita às ferrugens corroendo os Navios abandonados, o mundo em cores vibrantes e sombras densas. O enxergar do mundo lediviano integra, como uma sinfonia, conjuntos articulados de elementos: a) da natureza: mar, ondas, sol, mangue, praia, da própria maresia e seus efeitos; b) dos animais e insetos: gavião, urubu, caranguejo, caranguejeira, formiga c) de objetos: o farol, o navio, a porta; c) das relações com os outros.

Apesar da valorização de uma visibilidade dessas experiências-mundo, Lêdo Ivo não dicotomiza esse tipo de leitura do mundo e de leitura da palavra propriamente

dita. Essas experiência-mundo e experiências-palavras convergem em sua formação/vocação.

O convite à evasão não estava apenas no martelamento do mar, que me ensinou a fazer versos longos, desdobrados como ondas. Estava também nos livros. Foi na minha infância que escolhi o que queria e desejava ser. Eu queria ser poeta e escritor. Não havia precedentes literários na minha família (IVO, 2009, p. 13).

A relação com a leitura é retratada em inúmeros textos do autor. Na infância, destacam-se as leituras de aventura da coleção Terramarear, que consolidou "para sempre um desejo que era uma vocação" (IVO, 2009, p. 13). Na juventude, destacam-se os autores transgressivos tais como Rimbaud e Baudelaire. As leituras da infância o faziam devanear por outros mares e histórias distantes do mar alagoano. Trata-se de uma vivência de um mundo paralelo à sua existência. Outros mares imaginados e o próprio mar alagoano são um "convite à evasão". Segundo Larrosa, as experiências de leituras incorporadas fazem parte também da constituição da nossa própria experiência pessoal e, no caso de Lêdo Ivo, também de sua experiência autoral.

EXPERIÊNCIAS-COM-OS-OUTROS

Blaise Pascal já advertira, em suas clássicas reflexões, para a presença dos outros na nossa própria constituição. Em sua ótica, não deveríamos pensar que somos individualmente autores de livros. Daí, não deveríamos dizer "o meu livro", mas "o nosso livro". Posteriormente, Bakhtin elabora sua teoria ampliando o quadro teórico da compreensão dessa polifonia constitutiva. As experiências com os outros já foi sinalizada ao longo deste trabalho, mas retomemos mais especificamente agora essa dimensão também constitutiva do seu ser.

Algumas dessas figuras como, por exemplo, os padres de sua infância tiveram um lugar fundamental na sua formação intelectual e de escritor como destacado no discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, no texto *Batinas no Mormaço*. Importante destacar não apenas como escritores, mas também como oradores, como cultores da oratória e da língua, inclusive a latina⁶. Também ganha destaque o professor Guedes de Miranda, um outro cultor da retórica e da visibilidade da experiência-mundo. Sobre Guedes de Miranda, do seu tempo de menino, ficou-lhe o seguinte:

Guedes de Miranda possuía algo de um personagem de romance, com a sua visão amorosa e generosa da vida, os dons intelectuais perdulariamente gastos nas conversas, aulas e discursos, a inquietação sentimental que reclama o sigilo e o silêncio. Quando ele morava na esquina da Rua do

⁶ Em outras obras esses padres ocupam também lugares nem sempre condizentes com o que se espera.

Massena com a Praça Deodoro, a poucos passos desta academia, eu menino, o via sair de casa como se fosse viver um dia diferente de todos os outros. E com efeito, era sempre um dia novo para o seu espírito juncado de efusões e afeito à fluência e a generosidade (IVO, 2009, p. 273).

Esses outros constitutivos não estão necessariamente presentes fisicamente, são também figuras conhecidas por suas histórias, por suas lendas, por suas frases, por suas atitudes, que incorporados sobre narrativas próprias tornam-se partes integrantes dele mesmo. A ambiência familiar, na infância, mediatizou essas figuras distantes, tornadas bastante próximas, absolutamente cotidianas. Rui Barbosa é a figura mais destacada no livro em tela para forjar essa constituição tornada presente em sua infância por meio de sua avó e pai.

Quando eu era menino, respirei Rui Barbosa como se ele, com o seu fraque, lunetas e bigode branco, estivesse perto de mim. [...]

Por sua vez, meu pai, advogado, não dispensava uma frase de Rui Barbosa em seus arrazoados – talvez essas citações tivessem o dom ou a pretensão de amolecer o coração dos severos e eruditos desembargadores. (IVO, 2009, p. 260)

Vários pontos se destacam em Rui Barbosa: sua relação com a oratória, suas proezas intelectuais lendárias, seu destacado primor pela palavra, sua ambição para ser presidente não da ABL, mas presidente do Brasil. Sua avó ao considerar as proezas intelectuais e gramaticais de Lêdo Ivo, já na infância, afirmava que ele estava destinado a ocupar o lugar de Rui Barbosa. Essa aura de anúncio profético não lhe era compreensível em sua extensão real: ["Eu não sabia que lugar era esse, nem onde se situava, nem o que significava" (IVO, 2009, p. 264)]. Era compreensível, em parte, em sua dimensão afetiva, na incorporação do "peso da sua autoridade doméstica", como sendo "[...] algo de muita responsabilidade". (p. 264). Tudo isso, em volta de incompreensões desse lugar honroso, iria se cumprir na esfera da mesma Cadeira ocupada na ABL. Conclui Lêdo Ivo, assim: "[...] tenho razões sobranes para acreditar que certas ocorrências da idade madura são anunciadas na infância" (p. 264).

Na infância, sublinha-se o lugar ocupado em sua experiência formativa com a professora Hermelinda Fazio, seu "primeiro amor por uma mulher – o meu secreto amor de menino por uma professora" (p. 276). Foi essa, por sua vez, que lhe apresentou Graciliano Ramos. Nessa linha de anúncios proféticos, semelhantemente ao de Rui Barbosa supracitado, o próprio escritor alagoano foi o responsável por um gesto de carinho pela antecipação de seu destino:

E foi ela que, numa manhã festiva, me apresentou, dada a minha condição de primeiro da classe, a Graciliano Ramos, diretor de Instrução Pública, o que hoje corresponde secretário de Educação. **O sertanejo agreste pousou a mão em minha cabeça. Até hoje este surpreendente gesto**

de carinho me segue e persegue, como se fora uma antecipação, e anúncio de um destino. (grifo nosso, IVO, 2009, p. 276)

RETOMANDO A DISCUSSÃO SOBRE EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E A CONTRIBUIÇÃO DE LÊDO IVO

Como afirmamos, no início do artigo, a pesquisa (auto)biográfica tem por finalidade contribuir para a educação. Nesse afã a experiência educativa é um ponto nodal de interesse inclusive na mediação de novas narrativas de (auto)formação. Gostaríamos de pinçar algumas considerações gerais que esperamos lancem luz sobre a pesquisa nessa área e nas práticas formativas.

De um ponto de vista inicial, que não retrata a realidade amplamente, a experiência educativa tem sido vislumbrada em quadros opostos quanto à agência. Em um extremo, a experiência é concebida no quadro da passividade e, em outro, de atividade. Contudo, isso decorre da área específica do conhecimento, do tipo de enfoque utilizado e de que tipo de experiência se trata. Interessante que o próprio Larrosa (2016a) apresenta dimensões que podem ir de um extremo a outro.

As abordagens mais pautadas na linguagem da passividade compreendem experiência fruto de acontecimentos que nos sucedem: “[...] o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura.” (LARROSA, 2016b p. 25-26). Aqui são sublinhados o sofrimento, as lutas, as batalhas travadas, os percalços na vida. Disso resulta que a experiência é, de certo modo, uma (re)leitura de um determinado quadro presente, o que não implica necessariamente uma inatividade por parte do sujeito, mas uma ação reflexiva posterior ou concomitante que decorre dessa vivência da experiência. Disso resulta a crítica de Larrosa (LARROSA, 2016b) aos vilões da experiência na contemporaneidade: excesso de informação, excesso de opinião, excesso de trabalho e falta de tempo.

As abordagens teóricas da experiência mais ativas visam favorecer a determinadas pedagógicas compreendendo o lugar da atividade na realização das tarefas por parte do aluno. Rousseau e Comenius, entre outros autores clássicos, questionaram a escola tal como se delineava em sua época. John Dewey também se opôs à educação tradicional, afirmando que esta fornecia experiências erradas e que nem todas as experiências seriam igualmente educativas, produzindo o mesmo tipo ou qualidade de aprendizado. Uma série de autores construtivistas produziram uma vasta obra sobre o papel da atividade na cognição e na afetividade dos aprendentes.

Abordagens mais narrativas como a delineada no Grupo de Estudos Memória e Gênero da USP desenvolveram, de modo pioneiro no Brasil, pesquisas

sobre as primeiras memórias de escola. Essas experiências foram responsáveis em alguns casos pela escolha da docência como lócus de trabalho, mas também pelo distanciamento do mundo escolar, sobretudo a considerar as agruras da disciplina tradicional (SOUZA; CATANI; BUENO; SOUSA, 2000; BUENO; CATANI; SOUSA, 1998; CATANI, 2000).

Qual o lugar de Lêdo Ivo na compreensão da experiência? Para o autor, a teoria está enxertada nas obras literárias, tal como afirmou em AR/AH. Indiretamente podemos pinçar algumas considerações gerais.

Em Lêdo Ivo, encontramos uma contribuição para um olhar holístico e integrador das experiências. Nela combinam razão e sensibilidade. Nela convergem a leitura do mundo e a leitura da palavra. Nela se presentificam o viver com os outros e o viver em seus solilóquios. Não exploramos essa dimensão da solitude na obra em tela, porém é recorrente tanto na sua poesia quanto na sua prosa. Essas experiências de um ser integral se assemelham muito à linha interpretativa traçada por Morin (2000, 2003) ao descrever o homo multiplus, que incorpora várias dimensões em um todo integrativo.

Em Lêdo Ivo encontramos uma contribuição ímpar para aquilo que se tem reafirmado, nas últimas décadas, sobre a aprendizagem ao longo da vida ou mesmo uma sociedade de aprendizagem (POZO, 2002). A aprendizagem para o autor se gestou desde a infância e se reafirmou ao longo da vida. A importância da aprendizagem das técnicas da escrita são melhor desenvolvidas em AR/AH e, na obra em tela, essas aprendizagens convergem para vários tipos de experiência, aqui denominadas de experiência-mundo, experiências de leitura de obras e experiências-com-os-outros. Contudo, a técnica e a estética se reúnem, em sua ótica, apenas para os vocacionados, para os que receberam um chamado interior (de si próprios), como já analisamos em sua obra anteriormente (LIRA, PASSEGGI, 2018).

Aprender, ao longo da vida, foi no caso de Lêdo Ivo um projeto de infância para que o fazer possibilitasse o ser. Nesse afã figuras da sua infância estiveram sempre presentes como lhe infundindo amor pela palavra e pela vida: do orador Rui Barbosa ao escritor Graciliano, do amante do "livro da natureza" Guedes de Miranda aos padres cultores do latim, da sua primeira identificação de amor por uma mulher-professora ao desejo de ser ele mesmo.

Em Lêdo Ivo encontramos uma contribuição ímpar à experiência de aprendizagem tecida em um quadro de positividade, de processos psicológicos criativos, progressivos, abarcadores e lúdicos. Isso foi trabalhado parcialmente quando tratamos do lugar da mentira na obra em tela.

Essa dimensão de positividade da experiência foi explorada extensivamente por Mihaly Csikszentmihalyi em *A Psicologia da Felicidade* tendo por base processos como a alegria, a criatividade o processo de envolvimento total com a vida.

Estamos atualmente analisando essa faceta da obra de Lêdo Ivo, a partir do psicanalista Winnicott (1975, 1996), para o qual a criatividade é um traço humano, que recupera a potencialidade do ser/viver e expande o si mesmo. Nesse sentido, os gestos espontâneos têm o seu correlato no desenvolvimento do verdadeiro self contraposto, então, ao falso self adaptativo. No caso de artistas criadores como Lêdo Ivo a experiência cultural e a estética ganham maior visibilidade pela exploração dinâmica da tradição e inovação.

NOTA FINAL

Como afirmamos, no início deste artigo, a obra de Lêdo Ivo é um tesouro a descobrir. No final dessa jornada, aqui brevemente trilhada, podemos perceber que este artigo trata apenas de uma primeira abordagem ao tema da experiência educativa no livro "O Ajudante de Mentiroso". A última parte deste artigo sinaliza para essa realidade. Apenas, no momento final, conseguimos pinçar algumas contribuições de modo mais sistemático. Preferimos realizar a descrição dos achados para daí procedermos à discussão mediante as contribuições encontradas.

A discussão teórica poderia inviabilizar a beleza literária que permeia a obra do autor. Se o poeta tem a missão de ensinar a ver, cabe ao pesquisador não atrapalhar demais essa experiência. Foi nesse afã que buscamos contemplar a obra do alagoano. Essas considerações, por fim, têm a forma de uma nota necessária ao fazer por nós aqui delineado.

Pretendemos, neste artigo, articular a educação e a literatura, servindo-nos das experiências de Lêdo Ivo. O norte interpretativo para um autor de sua envergadura foi expandido consoante a sua obra múltipla, de tal modo que um conjunto de elementos se fizeram presentes: a construção do si mesmo, do "ajudante de mentiroso", a visibilidade e as experiências do poeta como um todo integrado ou *falsamente* integrado. Afinal, não se pode confiar plenamente em um mentiroso!

REFERÊNCIAS

ADAM, J-M. **A Linguística**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

ADAM, J-M., HEIDMANN, U. **O texto literário**: por uma abordagem interdisciplinar. São Paulo: Cortez, 2011.

BÔAS VILLAS, Lúcia. Os desafios do conceito de experiência para pensar a profissionalização docente. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 17, n. 53, p. 867-887, 2017. Acesso em jan. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/8477>

BUENO, B. O.; CATANI, D. B.; SOUSA, C. P. (Orgs.). **A Vida e o Ofício dos Professores**: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo: Escrituras, 1998.

CATANI, D. B. *et al.* "O amor dos começos": por uma história das relações com a escola. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 111, p. 151- 171, dez. 2000.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **A Psicologia da Felicidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.

DELORY-MONBERGER, Christine. **Biografia e Educação**: figuras do indivíduo projeto. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulinas, 2008.

DEWEY, John. [1938] **Experiência e Educação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

DOSSE, François. **Paul Ricoeur**: um filósofo do seu século. Rio de Janeiro: FGV, 2017.

GAUTHIER, C. **Por uma Teoria da Pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

IVO, L. **A Morte do Brasil**. Rio de Janeiro: Leitura, 1984.

IVO, L. **Confissões de um Poeta**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004a.

IVO, L. **O Ajudante de Mentiroso**. Rio de Janeiro: Educan, 2009.

IVO, L. **Poesia Completa: 1940-2004**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004b.

IVO, Lêdo. **O Aluno Relapso. Afastem-se das Hélices**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2013.

IVO, Lêdo. **Teoria e Celebração**: ensaios. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a narrativa e identidade: a modo de presentación. In: ABRAHÃO, Maria Helena Barreto. **A Aventura (Auto)biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. (p. 11-22).

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2016a.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016b.

LIRA, A. A. D.; PASSEGGI, L. . Lêdo Ivo: o jogo identitário do ser/fazer-se poeta. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; LANI-BAYLE, Martine; FURLANETTO, Ecleide Cunico; ROCHA, Simone Maria da. (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica em educação**: infâncias e adolescências em espaços escolares e não escolares. 1ed.Natal: EDUFRRN, 2018, v. 1, p. 397-414

MORIN, E. **A Cabeça Bem Feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **O sujeito autobiográfico**: noções terminológicas para a pesquisa com crianças. In: PASSEGGI, Maria da Conceição.; FURLANETTO, Ecleide Cunico.; PALMA, Rute Cristina Domingos da. (Orgs.) **Pesquisa (auto)biográfica infâncias, escola e diálogos intergeracionais**. Curitiba: CRV, 2016. (p. 47-66).

POZO, J. I. **Aprendizes e Mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

RODRIGUES, M. das G. S.; PASSEGGI, L.; SILVA NETO, J. G. "Voltarei, o povo me absorverá...": a construção de um discurso político de renúncia. In: RODRIGUES, M. das G. S.; SILVA NETO, J. G.; PASSEGGI, L. **Análise Textuais e Discursivas**: metodologias e aplicações. São Paulo: Cortez, 2010. (p. 150-188).

SOUZA, M.C.C. CATANI, D. B., BUENO, B. O., SOUSA, C. P. (Orgs.). **Docência, Memória e Gênero**: estudos sobre a formação. São Paulo: Escrituras, 1997.

TAYLOR, George. Identidade Prospectiva. In: NASCIMENTO, Fernando.; SALLES, Walter. (Org.) **Paul Ricoeur**: ética, identidade e reconhecimento. Rio de Janeiro: PUCRIO; São Paulo: Loyola, 2013. (p. 127-149).

WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em Casa**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SOBRE O AUTOR

ANDRÉ AUGUSTO DINIZ LIRA. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UFCG. Estágio Pós-doutoral em Linguística aplicada na UFRN. Estágio Pós-doutoral em Educação na Fundação Carlos Chagas. Doutor em Educação pela UFRN.

RECEBIDO: 13/02/2019.

APROVADO: 28/02/2019.